

## A GUERRA DE CANUDOS NA IMPRENSA E NA LITERATURA: IDEOLOGIA E CIENTIFICISMO

Ester Sanches Ribeiro<sup>1</sup>

Resumo: Este trabalho estuda a imprensa, no caso do episódio da Guerra de Canudos, no final do século XIX, com vistas a observar o processo de construção de uma realidade através de textos jornalísticos que tratam desta questão da história do Brasil. O objetivo deste estudo é entender como os discursos sobre Canudos circularam nos principais jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro e na literatura de Euclides da Cunha, *Os Sertões*. É válido frisar que havia um discurso dominante na imprensa em geral da época com a intenção de direcionar a opinião pública a representar a campanha de Canudos a partir de uma ideologia “civilizacional” de bases culturalistas e raciais.

Palavras-chave: Guerra de Canudos. *Os Sertões*. Ideologia. Discursos cientificistas. História da imprensa.

## THE WAR OF CANUDOS IN THE PRESS AND LITERATURE: IDEOLOGY AND SCIENTISM

Abstract: This work studies the press in relation to the episode of the War of Canudos, in the late 19th century, with the goal of observing the process of construction of a reality through journalistic texts that reported on this question of Brazilian history. The aim of this study is to understand how the discourses about Canudos circulated in the main newspapers from São Paulo and Rio de Janeiro and the literature of Euclides da Cunha, *Os Sertões*. It is important to highlight that we take as a starting point that there

---

<sup>1</sup> Formada em Letras (Português e Espanhol) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). cursando mestrado em Estudos Culturais pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP) sob a orientação do professor doutor Thomás A. S. Haddad. Atualmente é bolsista CAPES. E-mail: ester.ribeiro@usp.br.

was a main stream discourse in the contemporary press which intended to direct public opinion towards a representation of the Canudos question permeated by a "civilizational" ideology of culturalist and racial bases.

Keywords: War of Canudos. *Os Sertões*. Ideology. Scientistic discourses. History of the press.

## Introdução

Há mais de cem anos ocorreu um conflito no sertão baiano, que é atualmente rememorado com um forte sentimento de indignação devido, certamente, ao depoimento de Euclides da Cunha, no seu "livro vingador", como opina grande parte da sua crítica literária, causador de grande impacto literário e social.

Isso se deve principalmente ao fato de *Os Sertões* de Euclides da Cunha ser uma obra inovadora. Como aponta Citelli (1996), Euclides, numa linguagem "esplendidamente barroca" faz uma inter-relação de ciência e arte, fazendo um cruzamento entre o fato (realidade) com a criação ficcional, com a pretensão de abordar áreas como a antropologia e a sociologia, fazendo, assim, crítica da cultura, painel do quadro político nacional, discussão de estratégia militar.

A partir de uma leitura dessa obra acima citada e também de textos jornalísticos sobre o episódio da Guerra de Canudos, observamos como a realidade foi representada na imprensa e na literatura. Assim, objetivamos entender como os discursos sobre Canudos circularam nos principais jornais brasileiros, principalmente em *O Estado de S. Paulo*, e na literatura de Euclides da Cunha, *Os sertões*. É válido frisar que havia um discurso dominante na imprensa em geral da época com a intenção de direcionar a opinião pública a representar a campanha de Canudos a partir de uma ideologia "civilizacional" de bases culturalistas e raciais.

Para melhor situar o leitor, colocamos abaixo uma fundamentação teórica e, após essa parte, está o desenvolvimento do tema que intitulamos: “A guerra de Canudos em *Os sertões* e nos jornais”.

## **Fundamentação teórica**

Em relação à fundamentação teórica deste trabalho pontua-se a utilização de bibliografia referente à análise do discurso com bases em estudos de Foucault para a linguagem e bibliografia referente à noção de ideologia, de esfera pública e sobre discursos científicos (cientificismo).

Entendemos que a atitude de assumir um ponto de vista é uma forma de diálogo, já que esse posicionamento serve como resposta, como manifesto. Assim, todo texto pode ser considerado dialógico, já que assumir um ponto de vista é dar uma resposta a alguém, que pode se considerar como polêmica, pois se fundamenta em diferenças. Se, entre os pontos de vista, não houver diferenças não se está definindo nenhum pronunciamento sobre o mundo, nenhum lugar no mundo a ser ocupado (DISCINI, 2005).

Essa resposta é dada ao discurso dominante veiculado na “mídia” da época, que, como já foi proposto, está atrelado aos interesses de camadas do “poder político”. Esse papel desempenhado pelo jornal e pela instituição pode ser esclarecido em algumas ideias de Michel Foucault para o estudo da linguagem. Comentando as ideias desse autor, Helena Brandão afirma:

[...] o discurso é o espaço em que saber e poder se articulam, pois um sujeito fala a partir de um direito reconhecido institucionalmente. Esse discurso, que passa por verdadeiro, que veicula saber, é gerado de poder. Sendo que a produção desse discurso gerador de poder é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos procedimentos que têm por

função eliminar toda e qualquer ameaça à permanência desse poder (BRANDÃO, 1995, p. 31).

Então sobre essa temática: discurso, ideologia, formação da opinião da sociedade a partir dos meios de comunicação de massa — no caso dessa pesquisa, o “jornalismo” —, analisamos, além dos trabalhos já citados acima, uma bibliografia básica que está aprofundando as ideias aqui apresentadas.

A questão da ideologia, como já dito, é um dos eixos teóricos norteadores dessa pesquisa, pois se pode verificar que os discursos ideológicos estão presentes e circulantes por toda a imprensa, veiculando informações acerca dos motivos da guerra, acerca do heroísmo e da força do Exército em combate e barbarismo do povo sertanejo; sendo que não somente esse discurso pronto, que podemos tomar como caluniador e manipulador, está presente na narrativa da imprensa. O que se vê também é a evolução, ao longo da campanha, de um discurso que se mostra mais livre e interpretativo da realidade, de caráter até mesmo autoral (ao menos no caso de Euclides), “desvinculado” de uma ideologia dominante e portador de uma ideologia de manifesto, de um posicionamento que pode ser entendido como de oposição.

É importante frisar que a noção de ideologia pode ser pensada envolvendo um sistema de crenças que funciona de forma elocutiva com seu contexto social sem estar carregada obrigatoriamente com a noção de informação verdadeira ou falsa, ou ainda, sem estar carregada com a noção de “manipulação”. A respeito disso, Terry Eagleton desenvolve, em sua obra *Ideologia: uma introdução*, um balanço a respeito da noção de ideologia a partir do pensamento de diversos autores em diversas épocas.

Neste trabalho não tomamos um posicionamento rígido acerca de alguma corrente de pensamento no que diz respeito ao conceito de ideologia; apropriamo-nos da noção

de que “uma afirmação qualquer só se torna ideologia quando começa a envolver crenças”, e também é preciso pronunciá-la em contextos sociais com intenções de validar essas crenças, de fazer essa informação gerar uma tensão: “a ideologia se ocupa menos com significado do que os conflitos no campo do significado” (EAGLETON, 1997, p. 24).

Ainda no que se refere a discursos e ideologia, pontua-se como um dos objetivos centrais da pesquisa a questão dos discursos cientificistas presentes nas narrativas da imprensa sobre o conflito de Canudos. Discursos que, como já colocado anteriormente, se referem aos sertanejos como bárbaros e aos homens do exército como heróis; discursos que estão presentes tanto nas reportagens de Euclides da Cunha como de outros correspondentes de guerra.

Esses discursos estão estruturados a partir do pensamento de que há “raças” superiores e inferiores e que estas estão destinadas a desaparecerem, a sucumbirem ao contato com aquelas. A esse pensamento dá-se o nome de “darwinismo social”, que pode ser dividido em duas escolas deterministas: a escola determinista geográfica e a escola determinista racial. Esta última entende que há raças superiores e inferiores e vê de forma pessimista a questão da miscigenação, entendida como uma forma de degeneração não somente biológica, mas também social. E a escola determinista geográfica propõe que o meio determina, condiciona todo o desenvolvimento cultural de um grupo (SCHWARCZ, 1957).

A antropóloga Lilia M. Schwarcz, em sua obra *O espetáculo das raças*, faz um estudo muito interessante e igualmente importante sobre o debate em torno questão das raças no Brasil ao longo do século XIX. Ela pesquisa sobre a origem dessas teorias raciais e sua aplicação no contexto do país nesse dado momento de sua história, incluindo as reflexões sobre seu futuro como nação. Os cientistas, antropólogos e estudiosos em geral, no Brasil oitocentista, se apropriam de teorias raciais deterministas e aplicam-nas à análise da

realidade do país, chegando a prever um futuro “melhor”, já que as raças inferiores existentes aqui sucumbiriam naturalmente, pois estavam fadadas a desaparecer. Assim, teorias científicas muito aceitas em fins do século XIX terminam por autorizar e legitimar, de certa forma, o esmagamento das populações sertanejas, vistas como inferiores.

Explorando mais essa temática sobre teoria de raças no Brasil, em meados do século XIX, percebe-se que, além desses sertanejos, povo de Belo Monte, outras populações mestiças em geral, ex-escravos, e os índios, eram tratados como inferiores e ligados a atributos negativos que rebaixavam sua moral, sua compleição física e sua inteligência. Essas populações foram colocadas em alguns casos como inimigos da nação por atrapalharem o desenvolvimento da civilização, pensamento este vinculado às doutrinas raciais que “pregavam a inerente inferioridade dos índios, a impossibilidade dos mesmos atingirem um estado de civilização e, por fim, a inevitabilidade do seu desaparecimento da face da terra” (MONTEIRO, 1996, p. 17).

O trecho mencionado diz respeito ao texto de John M. Monteiro, “As raças indígenas no pensamento brasileiro do império”, que faz parte de uma coletânea reunida em forma de livro: *Raça, Ciência e Sociedade*. Essa obra reúne estudos importantes acerca do estudo de raças presente na cultura brasileira. Além do texto de Monteiro, temos na maior parte dos capítulos desse livro alguma contribuição sobre os discursos científicos que propunham a raça e o meio (ambiente, vegetação, clima) como fatores determinantes do desenvolvimento social (ou fracasso, estagnação). Como exemplo do meio atuando na estagnação dos sujeitos temos o texto de Nísia Trindade Lima e Gilberto Hochman, “Condenado pela raça, absolvido pela medicina: O Brasil descoberto pelo movimento sanitário da primeira república”, que no próprio título manifesta a questão da raça como um meio de se condenar uma nação e a “ciência” como um modo de se absol-

ver, de salvar, livrar do atraso. Neste texto sobre o movimento sanitário, os autores exploram como a ciência da época crê que o meio interfere no estado de civilização, saúde e desenvolvimento das pessoas, e destacam a obra *Os sertões* como referência para se pensar o abandono das populações dos sertões brasileiros e a necessidade de civilizá-las, salvá-las. Nessa obra de Euclides:

[...] sobressaem elementos de força e de fragilidade — o sertanejo é um forte, mas é também rude e carente de civilização. Uma das versões mais recorrentes sobre a sociedade brasileira — aquela que acentua o descompasso entre as áreas urbanas e rural — tem em Euclides da Cunha um expressivo porta-voz (LIMA; HOCHMAN, 1996, p. 28).

Ainda sobre a missão civilizadora da ciência, lemos no texto de Giralda Seyferth na mesma coletânea que “o respaldo científico dado às doutrinas raciais vigentes na passagem para o século XX remete à sua importância como ideologia para fins políticos” (SEYFFERTH, 1996, p. 43).

Essas são algumas das contribuições para se pensar a problemática das teorias de raças no Brasil que, como já dito, figura como uma das questões condutoras desse trabalho de mestrado, já que estamos analisando o discurso científico sobre fatores determinantes da “inferioridade” do sertanejo, como raça e meio, e assim estamos percebendo o quanto esse tipo de teoria funcionou como legitimadora do ataque a Canudos.

Outro elemento importante no desenvolvimento deste estudo é a noção de esfera pública, desenvolvida pelo sociólogo e filósofo Jürgen Habermas, por se tratar de um conceito que contempla “as personagens” envolvidas no contexto da trama que estamos pesquisando. Essas personagens são os próprios cidadãos que podem exercer uma opinião pública, criticando, assim, as ações do Estado. É essa ação de os cidadãos, atores privados, participarem de assuntos públicos

a serem discutidos e pensados pela esfera de poder político, os atores públicos, que se pode entender como a esfera pública de uma sociedade.

Habermas, em sua obra *Mudança estrutural da esfera pública*, faz um estudo sobre a noção de esfera pública ligada à ascensão da burguesia ao poder e o conseqüente domínio desta sobre as esferas de poder presente na sociedade. Nas próprias palavras do autor, a esfera pública se entende como:

[...] esfera das pessoas privadas reunidas em um público; elas reivindicavam esta esfera pública regulamentada pela autoridade, mas diretamente contra a própria autoridade, a fim de discutir com ela as leis gerais da troca na esfera fundamentalmente privada, mas publicamente relevante, as leis do intercâmbio de mercadorias e do trabalho social (HABERMAS, 2003, p. 42).

Entende-se que este trabalho insere-se no campo dos Estudos Culturais e mais especificamente na linha de pesquisa de crítica da cultura porque o próprio arraial de Canudos figura como uma produção cultural que, de forma criativa, diferente da imposta pela sociedade da época, fundamentou-se em práticas sociais de resistência. O que houve foi o esmagamento dessa comunidade juntamente com toda a sua cultura. Então, pensar a Guerra de Canudos é pensar nas questões centrais dos estudos culturais, pois é posicionar-se e pontuar o direito que foi tirado de uma comunidade organizar-se e ser protagonista de sua própria cultura, de sua própria história.

E quanto às reportagens veiculadas na imprensa sobre a Campanha de Canudos e a uma parte do livro de Euclides da Cunha, *Os sertões*, principalmente “A terra” e “O homem”, percebemos, como já dito, que apresentam um posicionamento ideológico que coloca os habitantes de Belo Monte como estando à margem da sociedade e condicionados por um meio hostil que os estagna e por uma cultura de atraso. E



esse tipo de pensamento desenvolvido por correntes científicas vigentes na época da Campanha terminam por autorizar e legitimar o esmagamento dessas populações, “já que isso seria inevitável ao longo da história”. Mas também percebemos que alguns correspondentes de guerra se posicionaram em oposição a esse discurso dominante ao se depararem com a própria realidade, isso ocorre como uma evolução do pensamento desses jornalistas que entendemos como fundamentalmente importantes, pois revelam outra visão da Campanha para a sociedade em que os marginalizados são apresentados de forma mais humana e vencendo um estereótipo que os apresentavam como inimigos da nação. Essa nova posição pode ser entendida como uma autocrítica à própria imprensa e à cultura da época capaz de fazer a sociedade enxergar a realidade com uma nova visão; uma visão mais próxima da realidade.

### **A guerra de Canudos em *Os sertões* e nos jornais**

O papel desempenhado por Euclides em *Os sertões* leva-o ao patamar de um “ideólogo”, como o caracteriza Miguel Reale, crítico da obra euclidiana, no seu ensaio *A face oculta de Euclides da Cunha*. Reale(1993) expõe que o autor de *Os sertões* elabora um discurso crítico revelador das suas ideias acerca da injustiça cometida contra a população de Canudos.

O discurso de Euclides funciona como um “manifesto”, como “luta”, como “resposta”, como “diálogo”, já que ele adotou um ponto de vista distinto do estabelecido, se contrapondo, então, ao pensamento dominante da época.

Euclides critica seus colegas de imprensa, o exército, o governo. Para Patrícia Borges, acompanhando o crítico Silvano Santiago, Euclides pode ser considerado como corajoso politicamente e intelectualmente, primeiramente por ter denunciado a covardia ocorrida em Canudos e por ter colo-

cado em dúvida a certeza do pensamento da sua época (BORGES, 2002).

E ainda Euclides da Cunha travou com o seu tempo uma duríssima batalha em que expressa de forma original, como opina Valentim Facioli em seu ensaio “Euclides da Cunha: Consórcio de Ciência e Arte (Canudos: O sertão em delírio)”, a vitória corroída pelo fracasso, ou seja, expõe como a tática de guerra foi bárbara. Como podemos observar nos últimos textos de *Os sertões*, por exemplo, “Prisioneiros”, “Canudos não se rendeu” e “O cadáver do Conselheiro” em que se sobressai um sentimento de derrota na vitória, de vitória sem troféu, ou melhor, de guerra em que o “único prêmio” foi a cabeça do “terribilíssimo antagonista”, Antônio Conselheiro.

Além dessa, há outras estratégias discursivas por parte do autor de *Os sertões*, como o discurso cientificista e extremamente técnico, o discurso artístico<sup>2</sup>, o discurso ideológico, além de um discurso sarcástico, em que há por parte deste escritor a repetição irônica dos discursos dominantes.

Segundo (ZILLY, 2002) Euclides desmontou, sarcasticamente, os discursos grandiloquentes, hipócritas e desumanos da imprensa e do exército que legitimaram o colonialismo interno e o massacre dos sertanejos vencidos, apoiando-se na ideia de que com isso tinham salvado a República e assegurado o triunfo da civilização sobre a barbárie dos sertanejos.

Em relação a esses discursos da imprensa da época pode-se dizer que fizeram parte de uma campanha ideológi-

---

<sup>2</sup> Sobre esses discursos científicos e técnicos mesclados com um discurso artístico, o próprio Euclides diz ser o “consórcio de ciência e arte”; tema este que Facioli vai desenvolver em seu ensaio anteriormente citado demonstrando como este consórcio tornou a obra de Euclides original e reveladora de uma ideologia da época que entende as ciências como base de explicação do mundo.

ca contra o povo de Canudos que é facilmente percebida nos jornais brasileiros do período, pois a comunidade canudense foi gravemente caluniada pelos jornalistas, que passam aos leitores um aspecto totalmente negativo desta (ZILLY, 2002).

E essas notícias possuíram uma importância muito grande para a formação da opinião da sociedade<sup>3</sup> daquela época, pois é certo que qualquer jornal pode ser considerado um importante veículo de comunicação e se considerarmos que os meios de comunicação do final do século XIX eram bastante limitados perceberemos o papel importante que o jornal pôde ter nesse contexto. Era unicamente através da imprensa que os “cidadãos comuns”, ou seja, não envolvidos com o exército ou a política, podiam tomar conhecimento dos fatos que abalavam o mundo. E era através desta, então, que esses cidadãos recebiam influências para construir significados e valores acerca da sociedade na qual estavam inseridos e sobre a sua própria identidade (GALVÃO, 1977).

O indivíduo pensa e fala o que a “realidade” (possivelmente, ou provavelmente, filtrada por ideologias) impõe que ele pense e fale. Mas certamente, não se pode excluir a possibilidade de elaborarmos um discurso diferente que funcione como resposta aos discursos dominantes (FIORIN, 1988).

E *Os sertões*, como já explicado, é um grande exemplo disso, de que um indivíduo pode através de um discurso crítico exercer um poder transfigurador sobre a sociedade. Euclides, como um importante revelador da realidade brasileira, contribuiu para acordar-nos de um sono de ilusões, abstrações e temerosos espectros; fazendo com que tivéssemos uma nova consciência cultural (REALE, 1993).

---

<sup>3</sup> Essa temática da opinião pública, da sociedade como o alvo da imprensa e como aquela que constrói esta, será desenvolvida na teorização do conceito de *esfera pública* à luz dos escritos do filósofo e sociólogo Jürgen Habermas, considerado aqui como o principal autor desse conceito.

Esse trabalho de Euclides da Cunha sobre a Guerra de Canudos inicia-se ainda durante o próprio conflito; ele é enviado como correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo* com a missão de observar e narrar os acontecimentos da guerra, já desenrolada em sua 4ª Expedição, oferecendo ao público reportagens críticas e repletas de detalhes, o que seria mais bem realizado com esse correspondente em campo de batalha.

Sobre o fato de o jornal *O Estado de S. Paulo* enviar um correspondente especial ao local do acontecimento a ser noticiado, diz-se que foi uma prática comum dos principais jornais da época, dado que “a Guerra de Canudos estabeleceu no Brasil a praxe jornalística dos enviados especiais aos locais dos acontecimentos” (REBECHI JUNIOR, 2004, p. 14).

Euclides foi o último correspondente a chegar ao local de guerra; chegou depois dos outros, mas “para ver bem”, para “ver o que os outros não viam” como afirma Rebechi Junior que, em sua dissertação de mestrado, expõe a importância desses artigos tanto para a construção futura de *Os sertões* como para a composição de reportagens críticas e densas que ofereceram aos leitores uma visão diferenciada das outras reportagens da época sobre o episódio de Canudos:

[...] o discurso de Euclides não andava na mesma ingenuidade simplista de muitos de seus colegas de imprensa, que propalavam Canudos ser um foco monarquista. Já o escritor incorpora outros elementos à sua análise e não apenas reitera um discurso corrente (REBECHI JUNIOR, 2004, p. 17).

Como já dito, o discurso de Euclides faz um consórcio de ciência e arte, em que este mergulha em um cientificismo sobre a determinação da “raça” e do “meio”, atuando como definidores das ações humanas: “Tratava-se de trabalhar num campo intelectual engordado pelo cientificismo enciclopédico, de base enraizada no positivismo comteano, com

tinturas deterministas e evolucionistas” (FACIOLI, 1998, p. 53).

Totalizando 31 reportagens<sup>4</sup> sobre aspectos da guerra, da geografia e do povo de Canudos, Euclides deixa transparecer ao longo desse trabalho uma modificação no seu modo de ver a guerra e de ver os próprios canudenses. Como já dito, desde suas primeiras reportagens, quando o escritor ainda estava em São Paulo, há uma preocupação em apresentar ao leitor informações não correntes na imprensa. O que se percebe é uma maior preocupação em desvendar o povo de Canudos e sua história. Sabe-se que a opinião de Euclides é a de um republicano que acredita ser Canudos um foco de rebelião contra a República, mas o que se observa é que este autor não se limita a repetir esse discurso, o que ele faz é ir além e oferecer aos seus leitores outras informações sobre o que via e o que lia sobre a rebelião de Canudos. Quem observa essa característica presente no *Diário de uma Expedição* é a pesquisadora Ana Maria Roland, citada no trabalho já mencionado de Rebechi Junior.

Outra importante pesquisadora da obra de Euclides, mais especificamente dos artigos publicados no *Estado de S. Paulo*, é a professora Walnice Nogueira Galvão, estudiosa que também realizou um significativo trabalho sobre *Os sertões*, sobre as reportagens dos principais jornais da época acerca da guerra durante a sua 4ª Expedição<sup>5</sup>, entre outros trabalhos.

Walnice Galvão problematiza o súbito interesse da imprensa nacional por uma guerra nos confins do sertão baiano, pontuando que poucos assuntos já obtiveram da imprensa brasileira tal unanimidade de opinião e de exploração. Como

---

<sup>4</sup> Essas reportagens reunidas foram publicadas sob o título *Diário de uma Expedição*.

<sup>5</sup> GALVÃO, Walnice N. *No calor da hora — A Guerra de Canudos nos jornais, 4ª Expedição*. São Paulo: Ática, 1977.

já explicitado por diversos historiadores e críticos literários que se dedicaram ao Conflito de Canudos e aos materiais produzidos acerca dele, propõe-se uma íntima ligação da imprensa com correntes políticas “a quem interessava criar o pânico e concentrar as opiniões em torno de um só inimigo” (GALVÃO, 1981, p. 71 - 72).

Assim, os repórteres se encaminharam ao local da luta com as informações sobre o conflito já delineadas em suas cabeças, apresentando, então, reportagens com discursos semelhantes sobre o arraial de Canudos e seus habitantes, discursos relacionados ao perigo que a República sofria com os “revolucionários” conselheiros que pretendiam derrubá-la por defender a volta da monarquia. Discursos perpassados por ideologias e formadores de uma opinião pública que a essa altura já estava dominada pelo pânico, pelo medo.

Galvão pontua que a certa altura das reportagens tanto de Euclides como de outros correspondentes há uma mudança de abordagem do conflito: “Os repórteres começam a desconfiar de que não estão assim tão bem informados e passam a registrar suas dúvidas. E quase todos começam a se escandalizar com as práticas que presenciam” (GALVÃO, 1981, p. 77). A autora ainda classifica essa atitude dos repórteres como “autocrítica” da nossa própria cultura, o que pode configurar como um rumo de evolução durante o conflito de Canudos, já que há a tendência a abandonar-se os discursos vazios para desenvolver um pensamento mais crítico acerca da própria nação.

Ainda a título de revisão da literatura, analisamos o pesquisador alemão Dawid Danilo Bartelt, que fez um importante estudo da Campanha de Canudos, reunindo a mais importante e significativa bibliografia acerca dessa temática,

além do seu inestimável trabalho de campo<sup>6</sup>. Este autor analisa a sociedade da época, problematizando justamente o envolvimento da imprensa; temática esta que está sendo focalizada pelo estudo aqui proposto.

Bartelt propõe a guerra e as notícias sobre ela como um evento discursivo que leva em consideração os interesses do poder político local e também nacional; aproveitando-se da fragilidade do regime republicano recém instaurado, cria-se um mito em torno do arraial e publica-se nos principais jornais do país. Assim como Walnice Galvão, que vê nisso uma forma de espalhar-se o pânico e assim manipular a opinião pública, Bartelt entende como uma forma de manipulação e controle através de uma campanha publicística de “construção do medo”.

Resumindo-se esse assunto, que faz parte ainda de alguns resultados preliminares dessa pesquisa de mestrado, observa-se que os “poderosos” que engendraram tal campanha ideológica tinham o interesse em legitimar o ataque e extermínio do arraial de Canudos; e tal ação por sua vez representaria a forçado poder local e nacional que defende os ideais republicanos e a ordem da nação. Campanha ideológica, como já dito, ancorada pela ciência, que através de um discurso de autoridade terminou por legitimar a campanha e as ações do exército.

## Conclusão

A Guerra de Canudos, ocorrida há mais de cem anos, atualmente segue sendo estudada e lembrada em diversas áreas como História, Literatura, Antropologia, Ciências Sociais, entre outras, certamente, devido ao grande alcance que

---

<sup>6</sup> BARTELT, D. D. *Sertão, República e Nação* [tradução de Johannes Krestschmer; Abi-Sâmara. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

teve da imprensa e, também, da literatura de Euclides da Cunha, *Os sertões*. Entendemos que esse conflito ocorrido no sertão baiano ganhou importância não somente pelo fato de terem sido destruídas milhares de vidas, tanto de sertanejos como de soldados do Exército, mas pela divulgação que foi feita do conflito, do povo e do sertão.

Essa divulgação, ainda que imersa em ideologias, fez que a sociedade brasileira ter contato com o crime cometido por meio da cobertura jornalística realizada no calor da guerra. No caso de *Os sertões*, publicado cerca de cinco anos após a Campanha contra Canudos, contribuiu para a conscientização do desconhecimento que se tinha dos sertões brasileiros, em que pessoas viviam em estado de quase escravidão, doentes e necessitadas de justiça social. Não, da “justiça” que se fez em Canudos, mas de uma justiça que preservasse a vida e a cultura dessas populações.

## Referências

- BARTELT, D. D. *Sertão, República e Nação*. Trad. Johannes Krestschmere Abi-Sâmara. São Paulo: Ed. USP, 2009.
- BORGES, P. C. A interpretação d’Os sertões, ontem e hoje. In: José Leonardo do Nascimento (Org.). *Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- BRANDÃO, H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- CITELLI, A. *Roteiro de leitura: Os sertões de Euclides da Cunha*. São Paulo: Ática, 1996.
- CUNHA, E. da. *Os sertões: Campanha de Canudos*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902.
- DISCINI, Norma. *A comunicação nos textos*. São Paulo: Contexto, 2005.



EAGLETON, T. *Ideologia: Uma introdução*. Trad. Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.

FACIOLI, V. Euclides da Cunha: Consórcio de ciência e arte (Canudos: O sertão em delírio). In: Beth Brait (Org.). *O sertão e os Sertões*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo, Ática, 1988.

GALVÃO, W. N. *No calor da hora: A Guerra de Canudos nos jornais, 4ª Expedição*. São Paulo: Ática, 1977.

GALVÃO, W. N. "Os sertões" para estrangeiros. In: \_\_\_ *Gatos de outro saco: ensaios críticos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HABERMAS, Jurgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Trad. Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

LIMA, N. T. HOCHMAN, G. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da primeira república. In: Marco Chor Maio, Ricardo Ventura Santos (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996.

MONTEIRO, J. M. As 'raças' indígenas no pensamento brasileiro do império In: Marco Chor Maio, Ricardo Ventura Santos (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/CCBB, 1996.

REALE, M. *Face oculta de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.

REBECHI JUNIOR, A. *A caminho dos sertões: o processo e a técnica de Euclides da Cunha na composição dos textos publicados em "O Estado de S. Paulo" durante a guerra de Canudos (1897)*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil — 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEYFERTH, Giralda. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In: Marco

Chor Maio, Ricardo Ventura Santos (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/CCBB, 1996.

SODRÉ, Werneck Nelson. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

ZILLY, Berthold. Uma crítica precoce à 'globalização' e uma epopéia da literatura universal: Os sertões de Euclides da Cunha, cem anos depois. In: José Leonardo do Nascimento (Org.). *Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.